

## CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA REVISTA DA ACL

**José Alcides Pinto**

A Academia Cearense de Letras, fundada em 1894, funcionando à Rua São Paulo, 51 (Palácio Senador Alencar) e que tem na presidência, desde 1977, o acadêmico, escritor e poeta Cláudio Martins, um homem que dinamizou o velho sodalício de Thomás Pompeu Sobrinho e deu-lhe nova sede, entrega mais um numero de sua revista — Revista da Academia Cearense de Letras — publicação anual comemorativa do nascimento de Thomás Pompeu Sobrinho, um cientista e um sábio, inquestionavelmente um dos homens mais inteligentes de sua época, entre nós, detentor de títulos que o credenciam como a mais alta expressão cultural e científica de nosso País.

Técnico, historiador, etnólogo, etnógrafo e humanista, por tudo isso, ao lado de Capistrano de Abreu, Farias Brito, Clóvis Beviláqua e Guimarães Duque, é Thomás Pompeu Sobrinho uma reserva moral das mais caras e um marco do pensamento científico, histórico e cultural de nossa época.

Segundo o escritor Mozart Soriano Aderaldo, estudioso de nossa História dos mais credenciados, “Pompeu Sobrinho e Guimarães Duque precisam ser relidos, e suas teorias, que os fatos comprovam, necessitam de ser postas em prática. São atuais” (Pág. 36).

Em verdade, trata-se de uma edição primorosa, esta a da Revista da Academia Cearense de Letras, apresentando trabalho gráfico excelente, isso sem falar no conteúdo, na participação de seu colegiado, que colabora neste número, todos homens de alto nível cultural, com nome firme nas letras nacionais.

A homenagem a Thomás Pompeu Sobrinho tomou toda a primeira parte da Revista, somando-se a um total de 80 páginas, o que dá bem uma idéia do valor e da perenidade de sua obra no tempo.

Por outro lado, isso prova que ele está vivo no pensamento e na visão dos críticos e historiadores cearenses, que não pouparam esforços no sentido de que sua memória fosse reverenciada com o zelo e o carinho merecidos.

A segunda parte versa sobre assuntos vários, em que se analisam livros de tendências e gêneros diferentes, em todo o campo da cultura literária e artística, da filologia e da história. E a terceira parte é tomada pelos poetas Cláudio Martins, que nos surpreende com “Sonetos de Muito Amor”, na verdade uma bela Coroa de Sonetos, modernos, sem aquela rigidez clássica da técnica e do metro; Artur Eduardo Benevides comparece com um pungente e longo poema sobre John Wayne, uma peça d’arte; e Aderbal Sales, primoroso estilista, nos traz “A Última Noite de Natal de 1980”.

Mas é claro que não param por aqui as incursões literárias. Martins d’Alvarez, poeta um tanto diferente de quantos se entregam ao doce convívio das musas e muito original em sua forma poética, brinda-nos com um trecho de “Babilônia”, um poema “suburbano”, escrito em linguagem da favela, com versos de pés no chão. Otacílio Colares nos dá o universalismo de Carlos Drummond de Andrade, uma análise fenomenológica de alguns de seus poemas; e os escritores Ribeiro Ramos e Sânzio de Azevedo, respectivamente, dissertam sobre a obra e a personalidade de José Waldo Ribeiro e Raimundo Varão, o último detendo-se no exame do poema “A Canção dos Pobres Miseros”, um “figura estranha, cercada de enígmata e que residiu em Fortaleza de 1911 a 1915.

Da quarta parte se ocupou o ficcionista e teatrólogo Eduardo Campos, com o estudo que intitulou de “Mudança ou Conversa Frívola de Vizinha”, um trabalho de pesquisa muito original. A Eduardo Campos, que antecedeu a Cláudio Martins na Academia, se deve muito, ao longo de seus 12 anos na presidência, quando a mesma funcionava no último andar do Pa-

lácio Progresso, patrimônio que passou a se chamar Pavilhão Justiniano de Serpa.

Mas, voltando à matéria da Revista propriamente dita, encontramos na quinta parte os discursos de posse de alguns de seus membros, saudações a amigos e agradecimentos etc. Tudo isso feito (e apresentado) com a melhor postura literária, trabalhos que constituem verdadeiras peças literárias.

Na sexta parte, Dom Marcos Barbosa disserta com acuidade psicológica sobre o Centenário de “Brás Cubas”, de Machado de Assis, o melhor romance do maior ficcionista brasileiro de todos os tempos. E a nota mais tocante está na sétima parte, em que os mortos mais recentes da Academia (1979 — 1980), Joel Linhares, Plácido Aderaldo Castelo, Clodaldo Pinto, Josaphat Linhares, Braga Montenegro e Hugo Catunda são lembrados no apanhado sensível da pena de Sânzio de Azevedo, assinando os textos biobibliográficos apenas com as iniciais de seu nome.

Na oitava parte, o crítico literário F. S. Nascimento, com profundidade, se detém na análise do livro — “O Conto de Dez Contistas” — uma coleção de estórias de gente nova, que leva o crítico a essa interrogação: “Será que, dentre esses novos valores, poderá o leitor selecionar três nomes em condições de superarem, em modernidade, Fran Martins, Eduardo Campos e Moreira Campos? “Por sua vez a pergunta é respondida com um apelo, “animando-os a prosseguirem na exercitação do conto”.

Por outro lado, J. C. Alencar Araripe tece considerações em torno do romance “Miséria e sonho no Canal”, de Faria Guilherme, e do livro “Os bons momentos de um Chargista”. E em sua exposição com o espírito de síntese muito próprio de seu feitio analítico, vai repassando o pensamento do mestre Herman Lima, “Caricatura no Brasil”, chegando até o seu jornal O POVO, com sinfrônio de Souza Neto, um pintor bretoniano, e que fez no Rio estórias em quadrinhos para Gibi. Deixando o “espírito” da charge, o autor de “Delmiro Gouveia” e “Gente da Gente” fala sobre o livro do jornalista e professor Francisco Lima (um homem que crê na cruz e no rosário), “A Catedral”, cuja problemática é o enfoque de nosso magno Tem-

plo. Praticamente a Revista acaba aqui, as partes finais, da nona a décima primeira tratam de Documentário.

Eis aí, bem próxima à mão do leitor, uma revista de cultura das melhores que se editam no País. É preciso que os intelectuais, os estudantes de Letras e o público em geral procurem as fontes nobres de nossa cultura, que não estão só nos periódicos e nas páginas literárias dos jornais; elas se encontram mais nas bibliotecas, centros de estudos e nas próprias instituições culturais, que mesmo nos compêndios pesados e exaustivos de literatura que abarrota as livrarias.

Mas é óbvio que nem todos os fulgurantes que colaboram no nº 41 da Revista em apreço estão aqui mencionados, mesmo porque são muitos e tornariam este comentário enfadonho. Mas, como esquecer essa figura patriarcal de nossa cultura, histórica, Raimundo Girão, autor de obras que honram nossas letras e nosso passado? E ao seu lado o filólogo Rebouças Macambira, José Denizard Macedo, o nosso humanista Newton Gonçalves, sem esquecer um dos mais jovens acadêmicos, senão o mais jovem, Linhares Filho, e muitos outros, que pelas razões explícitas não é possível citá-los.

(Transcrito de 'O POVO', Fortaleza, 28.11.1982)